

PINR 0145

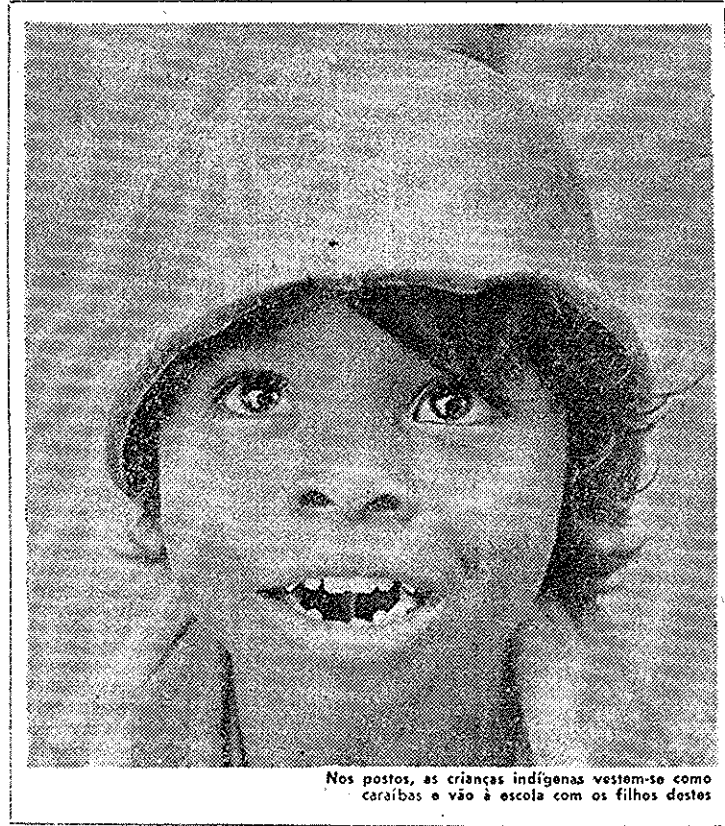
Kerete, 103 anos, hoje Maria Rosa, trocou a tanga pelo vestido, e a mitologia de sua nação pelo catolicismo, mas continua acreditando no poder dos sonhos



Os pais eram kaingangs, xavantes, terenas e guaranis; os filhos são apenas "caraibas"

O espírito guerreiro domado pela aculturação

EDILSON MARTINS
DA SUCURSAL DE SÃO PAULO
FOTOS DE JOSÉ CARLOS BRASILEIRO



Nos postos, as crianças indígenas vestem-se como caraibas e vão à escola com os filhos destes

No começo do século, eles ainda dominavam as matas e rios do interior de São Paulo. O café e depois a pecuária expulsou-os, embora muitas tribos resistissem com bravura ao invasor branco. Seus remanescentes vivem hoje em postos da Funai, naquele Estado, onde se realiza uma tentativa de aculturação mais ou menos bem sucedida. Vestidos como caraibas (civilizados), esquecem-se das guerras que enfrentaram, dos velhos costumes tribais. Mas não querem perder sua condição de índios, que é a garantia de sua sobrevivência como comunidade. E os mais velhos ensinam a língua nativa aos mais moços, para que tudo não se perca

EM 103 anos de existência, Kerete, última xavante de todo o seu grupo, mudou de nome — Maria Rosa — e de cultura — largou a tanga e se professa católica — mas não perdeu o seu instinto de indígena. Ela continua andando nunca menos de 10 km por dia, como apenas o suficiente para se manter. E só lamenta a falta dos "gritos de guerra" que precediam as lutas, no início do século, contra os brancos, construtores da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Assim como Kerete, 636 índios distribuídos nos postos de Vanuire, Araribar, Ikatur e Peruíbe, no interior e litoral de São Paulo, mudaram de nome, de costumes, enfim de cultura, mas apresentam um grau de aculturação, sob alguns aspectos, surpreendente. Vanuire, Araribar e Ikatur talvez constituam a primeira tentativa, mais ou menos bem sucedida, de aculturar nações indígenas no meio de nossa civilização. Os habitantes desses postos não são pedintes, desenvolvem uma lavoura própria e ainda exibem um orgulho dos tempos em que dominavam as florestas.

O início

No início do século o café já dominava a economia paulista, mas naquele tempo o país dependia do rio Paraná para escoar o produto através da Capital argentina. A existência de uma estrada de ferro, ligando o Sul ao Centro — São Paulo/Mato Grosso — tornou-se uma necessidade. A partir, portanto, da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, tem início a luta aberta contra o grupo de nações indígenas que dominavam aquela ampla faixa do interior brasileiro.

Os índios coroados, hoje conhecidos como kaingangs, que há séculos dominavam toda a região, preservando florestas, rios e fauna, tão logo chegaram as primeiras frentes de trabalhadores se declararam em estado de guerra permanente. Iniciava-se assim um longo período de incompreensões, de calúnias, fantasias, mentiras e violência contra a nação kaingang. Atribuíam-lhe atrocidades e atos bárbaros que nada mais eram que projeções psicológicas do próprio comportamento dos grupos de civilizados que se bateram contra esses índios. Foi preciso a intervenção direta do então Coronel Candido Mariano da Silva Rondon que, sustentando-se na filosofia positivista, alertava o Poder público para um maior respeito ao universo cultural das nações indígenas.

Em 1911, após a atração dos índios kaingangs, cria-se a reserva indígena de Araribar. Um ano antes fundara-se o Serviço de Proteção aos Índios — 1910 — tendo como diretor o Coronel Rondon. A criação dessa reserva visava reunir os grupos dispersos de índios guaranis de Piraju e Itaporanga. Chegaram a somar, em 1911, cerca de 340 índios. Em 1919 a gripe espanhola eliminou quase todos. Distante cerca de 450 km da Capital paulista, Rondon deslocou, nos anos de 1927, 1928 e 1929, grupos de índios terenas do interior de Mato Grosso, numa tentativa de não permitir o esvaziamento do posto de Araribar. Os terenas passaram então a conviver com os índios guaranis; hoje, decorridas quatro décadas, eles praticamente mantêm a hegemonia do posto, já que são sedentários e excelentes agricultores, o que não acontece com a nação guarani.

Ikatur

Neste posto, adquirido em 1916 pelo Governo federal, foram instalados os kaingangs. Esses índios, que se encontravam em Promissão, no interior paulista, foram levados para o Ikatur, onde até hoje permanecem. Os kaingangs constituem, certamente, uma das nações indígenas mais guerreiras e valentes que o país conheceu. Na arte de guerrear só podem ser superados pelos famosos guaikurus, índios cavaleiros, que ajudaram o Brasil na luta contra o Paraguai.

Kerete, Maria Rosa, que ainda menina foi roubada de sua aldeia xavante pelos belicosos kaingangs, conta episódios que bem demonstram a argúcia desses índios. Quando queriam atacar um trem e seus vagões, cortavam troncos de bananeiras e colocavam numa das curvas dos trilhos. A locomotiva descarrilhava e eles então atacavam, na escuridão, em tempo nunca superior a meia hora. Depois partiam, para repetir a mesma façanha adiante, nunca expondo o grosso da expedição à revanche dos civilizados.

Muitas vezes — lembra Kerete, com seus olhos miúdos, voz suave e uma lucidez impressionante — a gente ficava dentro de um rio, dois ou três dias, esperando passar a canoa ou a lancha dos civilizados. Atacava-se à noite, mergulhava-se e retornava-se na escuridão da noite e da floresta para a aldeia. Eramos muitos, mas nossas flechas perdiam fácil para as carabinas. O civilizado era medroso, mas seus tiros eram fatais. Depois a

gente sonhava muito, principalmente as mulheres. E os sonhos mostravam que acabariam mal. Todos nós. E os sonhos das mulheres quase nunca falham.

Vanuire

O último posto a ser criado no interior de São Paulo foi o de Vanuire, em 1926, doado aos índios por uma família paulista. O nome do posto é uma homenagem à índia Vanuire — kaingang — que teve papel decisivo na atração de seus irmãos durante a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Neste posto, no Município de Tupã, vivem 168 índios. São índios kaingang, terenas e krenaks e apresentam um elevado grau de aculturação. Praticam a lavoura, principalmente a do milho e mandioca.

Maria Mulata, uma índia kaingang de mais de 90 anos, é a mais velha da tribo, e com ela se encontra o maior acervo da história de toda a aldeia. Os índios do posto Vanuire têm uma ostensiva consciência étnica, principalmente o grupo kaingang. Hoje já não são mais alegres como antes, pois tudo foi alterado. Os costumes, ritos e manifestações artísticas do passado praticamente desapareceram com a aculturação, mas sobrou um certo orgulho, que os distancia profundamente do caboclo ou caçara, humilde, servil e dócil sob o peso da miséria.

Maria Mulata é um exemplo dessa consciência, quando diz, de maneira rude e firme, que ensinará a língua kaingang a todos os seus descendentes. "Se eles esquecerem a língua, a tribo desaparecerá". Como os índios não possuem um sistema religioso sequer parecido com os nossos, desconhecendo qualquer forma de adoração, fácil se tornou transformá-los em protestantes ou católicos, as duas primeiras religiões que lhes ensinaram.

O que sobrou

Nos postos de Araribar, Vanuire e Ikatur, há menos de 40 anos dominava uma densa floresta, povoada de antas, cutias, pacas, porcos-do-mato, macacos, os rios eram piscosos; e havia dezenas de espécies de aves de caça. A maioria dos índios ainda se recorda com saudades dessa época, que a lavoura do café destruiu. Depois veio a pecuária, que concluiu

a devastação iniciada pelo ciclo do café. Ao se retirar do índio suas matas, derrubar suas florestas e com isso reduzir o volume dos rios, mutila-se seu sistema de sobrevivência.

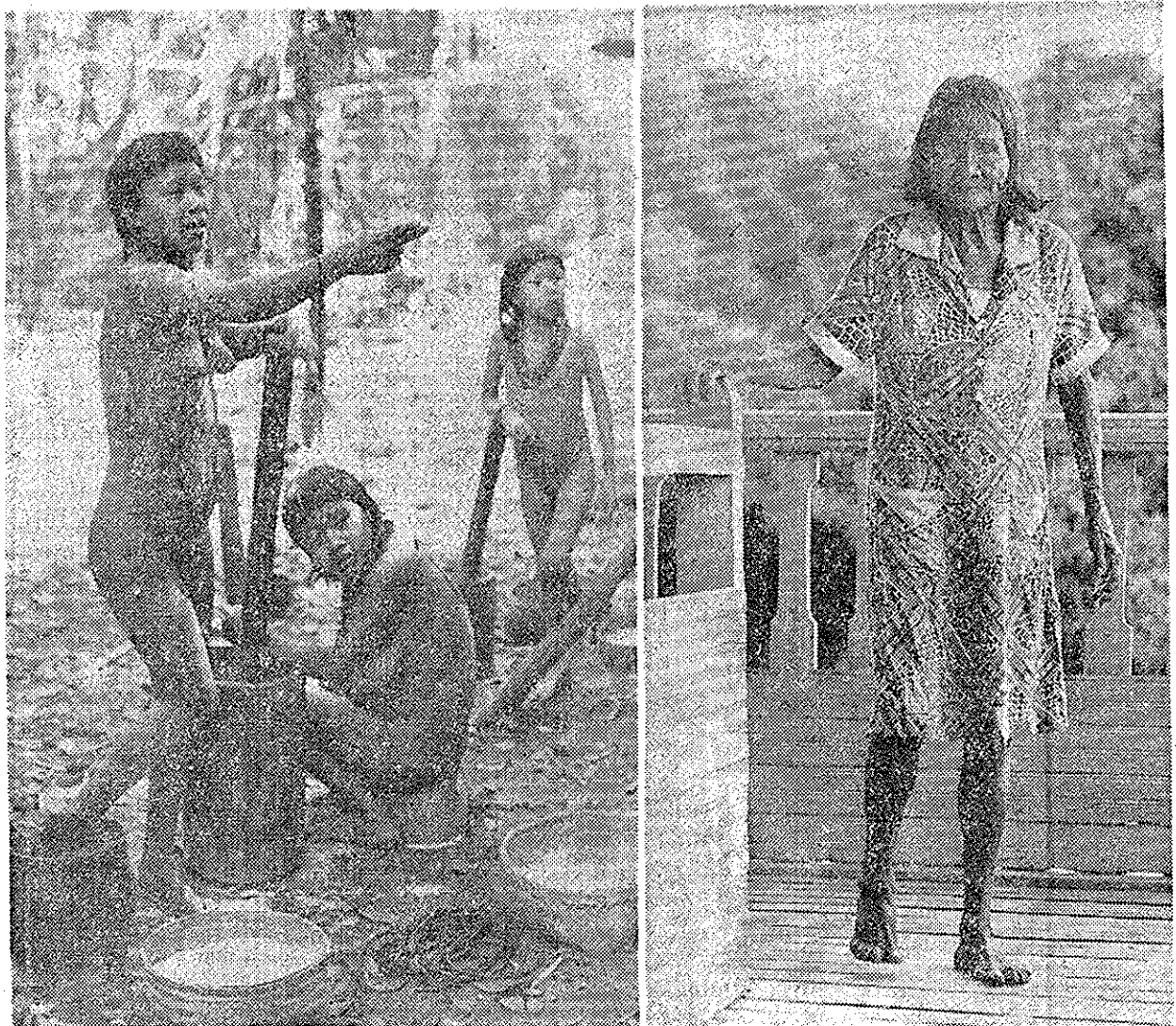
Se nos três postos do interior — Vanuire, Ikatur e Araribar — a situação geral do índio pode ser considerada boa, o mesmo não acontece no de Peruíbe. Nos postos do interior o índio mantém uma certa integridade, está distante das cidades, afastado portanto do contato promiscuo com civilizados. Praticam a lavoura própria, não se tornou pedinte, nem tampouco se embriagou. É saudável, pratica o casamento intertribal e não se envergonha de sua condição.

No posto de Peruíbe, no litoral, que reúne 150 índios guaranis, provenientes de diferentes localidades de São Paulo, a situação está longe de ser razoável. Os índios se embriagam constantemente; brigam entre si, quando não espancam suas mulheres. Vários civilizados casaram com índias, o que terminou se constituindo num dado negativo. Estes casamentos ocorreram com caçaras, aventureiros que estão longe de respeitar o índio, sua cultura, seus costumes. O chefe da Ajudância de São Paulo, Alvaro Vilas Boas, que responde pela recuperação dos três postos do interior, confessa-se sem condições de intervir no posto de Peruíbe, subordinado à Ajudância do Paraná.

Os sonhos

Kerete, Maria Rosa, a última xavante, repete que os sonhos antecipam a vida, os acontecimentos. Com seu sorriso largo, seu corpo empertigado, ainda crê na sabedoria de seu povo. Horta Barbosa, inspetor do extinto SPI, em palestra pronunciada em 1925, em Montevidéu, conta a história de uma velha índia kaingang, que, durante as lutas de sua nação contra os civilizados, teve um sonho decisivo para o trabalho de atração. Ela sonhou que "os seus irmãos vinham ao acampamento e eram recebidos como amigos, entre festas e alegria, pelos brancos. Retiravam-se carregados de coisas preciosas; machados a cujos golpes qualquer árvore tombava sem custo; contatos de todas as cores, sobretudo brancas, muito brancas, que em colares de infinitas voltas realçavam a beleza das mulheres e davam às moças graças infinitas". Depois desse sonho os valentes kaingangs procuraram pacificamente o acampamento de seus inimigos civilizados.

CADERNO



Antes e depois da aculturação

O ÍNDIO DIANTE DA VIDA E DO AMOR

Antes de se dirigir à sede do posto Vanuire, o fotógrafo iniciou seu trabalho, do alto da estrada, já que a reserva indígena fica no centro de um vale. Logo depois seguimos em direção à chefia do posto, e um índio forte, dizendo-se capitão da aldeia, nos abordava perguntando se tínhamos autorização para fotografar. Dissemos que sim e ele então afirmou categoricamente: "Se têm autorização mostra primeiro e depois fotografa".

No mesmo posto uma índia kaingang, Maria Mulata, do alto de seus 90 anos, pedia-nos tábuas para concluir sua casinha. Lembremos de que vivíamos em São Paulo, onde não há florestas e são muito caras as tábuas. Maria Mulata fala com um meio sorriso: "Se onde vivem não existe floresta e as tábuas são caras, que estão fazendo lá?" E não disse mais nada.

No Xingu, um índio txukarramãe demonstrou interesse insusitado por uma bela antropóloga de olhos verdes. Segurou uma de suas mãos, passeou, mostrou os rios e florestas, e finalmente, de forma meiga e envolvente, propôs "namorar na rede". A antropóloga ficou

surpreendida, pediu tempo e foi avisar às pressas ao piloto do avião o que estava acontecendo. Experimente, o piloto mostrou ao índio que a antropóloga era caraíba — civilizada — e se fosse namorar com ele na rede, o noivo, quando ela retornasse à cidade, não a aceitaria, o txukarramãe foi à aldeia e trouxe cinco índias — a fina flor da tribo — e propôs trocá-las com o noivo, pela antropóloga. O piloto voltou a explicar, que embora a cientista estivesse envidada, índio é índio, e caraba é caraba. Não haveria, portanto, nenhuma troca. O índio então retornou à aldeia e reapareceu com muitos presentes para a antropóloga e seu noivo. Compreendera a impossibilidade e respondia com presentes para ambos.

A convivência numa aldeia nos ensina que o índio é incapaz, quando puro, não aculturado, de ser uma pessoa inconveniente. Meigo, doce, alegre e gozador, divide o dia caçando, tomando banhos de rio, contemplando a natureza ou mesmo pronunciando intermináveis discursos nas ocasiões de festa.

Um repórter perdeu o avião que

deveria apanhá-lo, no posto Diaurum, e, em vez de cinco dias, terminou permanecendo três semanas no local. Ficou preocupado, quase em pânico, já que ficaria também sem qualquer contato com a redação. O tédio da mata, com seu silêncio, agravava mais ainda a situação. Os índios perceberam a angústia e apreensão do repórter. E passaram a brincar. "Tão cedo não passa avião. Só daqui a três ou quatro meses." E riam entre si.

Uma ceramista espanhola, no posto Leonardo, iniciou uma demorada e terna troca de presentes com um índio. Decorrida uma semana, depois de um longo discurso, ele propôs, cavalheirescamente, que fossem namorar na rede, que é onde terminam as relações afetivas de todos na aldeia. A moça explicou que era casada. Ele respondeu que na aldeia isso não era problema. Outras índias faziam o mesmo. Já preocupada acrescentou que gostava muito do marido e que ficaria depois com pena dele. O índio então olhou-a nos olhos, detidamente, e falou: "Você namora comigo agora e depois sente pena dele".